

### **APRESENTAÇÃO SEÇÃO LIVRE**

O número da **Revista Boitatá** que ora vem à luz é, por várias razões, especial. Primeira, porque surge de uma proposta de Dossiê que transgrediu limites disciplinares, estéticos, formais. Com isso, a nossa cobra-revista deslizou dos seus ambientes mais costumeiros para adentrar na aventura das viagens, que atravessaram as bordas dos textos, das criações e das linguagens. Um dos efeitos mais notórios é a abertura no formato do texto, que se permitiu fundir o rigor analítico com as dobras de imagens, palavras e percepções que não se limitaram à diagramação e espacialidade convencionais das normas da Revista, conforme elucidada a apresentação pelos organizadores do Dossiê. Segunda, porque é o último número produzido pela equipe editorial que por quatro anos se debruçou nos fluxos de avaliação, revisão e editoração implicados no fazer da Revista. O professor Frederico Augusto Garcia Fernandes dividiu comigo a Editoria acadêmica, com a inestimável e sólida atuação das editoras assistentes, a professora Cristina Mielczarski dos Santos e a Doutoranda Laura Regina dos Santos Dela Valle. Sem a seriedade e a dedicação delas, a Revista não teria a qualidade que teve.

A **Seção Livre** contou com textos variados e afins aos temas do nosso escopo editorial. “Transnarrando a literatura de viagem sobre Belém no século XIX”, de Aida Suellen Galvão Lima e Sílvio Augusto de Oliveira Holanda, fundamenta na estética da recepção a leitura que efetivam de narrativas de viagem de autores estrangeiros sobre a cidade de Belém no século XIX. Andréa Caselli Gomes atualiza na escrita pós-moderna e em referencial multidisciplinar os trânsitos do inesgotável mistério do feminino com “As sereias de Jericoacoara e seus heróis lunáticos”. Em “Cadernos de fundamentos: arquivos do sagrado e dos segredos”, Ari Lima e Leandro Araujo indagam sobre os sentidos que permitem articular as manifestações orais do candomblé baiano com as escritas dos “cadernos de fundamento” enquanto arquivos da cultura e da religião. Edil Silva Costa e Juliene Cristian Silva Pinto, com o artigo “Uma viagem entre mundos: *Iracema*, *A formosa tapuia* e *Supplément au voyage de Bougainville*”, empreendem esforço analítico a fim de aproximar a representação da mulher nativa nas três obras. “Encontros e desencontros nas obras de Ferdinand Denis e José de Alencar”, de Francisco Humberlan Arruda de Oliveira e Katia Aily Franco de Camargo, realiza

comparação entre as duas obras do início do século XIX no que diz respeito às tensas relações que os indígenas estabeleceram com a alteridade europeia.

Por fim, em “O mito da Matinta Perera e suas formas variantes em Curuçambaba, Bujaru (Pará, Brasil)”, Rubens da Silva Ferreira e Cleide Furtado trazem registros de pesquisa de campo sobre a fértil figura amazônica da Matinta Pereira, interpretada em suas representações sobre gênero, velhice e pobreza.

Após essa trajetória de quatro anos, finalizo com a sensação de ter sobrevivido a intempéries, suportado e até fruído a deriva do não saber e, ao fim e ao cabo, ter aprendido as travessias do campo editorial e da produção acadêmica neste país que eu amo mas que também me dói.

Ana Tettamanzy